

O DISCURSO MIDIÁTICO DOS JOGOS PAN-AMERICANOS RIO/2007 E A CANDIDATURA AOS JOGOS OLÍMPICOS DE 2016: O “TRAMPOLIM” DO BRASIL

Guilherme Ferreira Santos

RESUMO

A escolha para o local de realização dos Jogos Olímpicos de Verão é feita sete anos antes da data do evento. Porém, é ainda mais cedo que os países com interesse em sediar tal acontecimento se candidatam e fazem um “jogo” político em torno da “campanha”. O presente artigo tem como objetivo central, então, analisar e compreender a configuração do discurso televisivo da Rede Globo de Televisão na cerimônia de abertura dos Jogos Pan-americanos do Rio – 2007 no que se refere à ideia de “nível olímpico de organização”. Para isso, utilizaremos a Análise Crítica do Discurso. Dentro dessa teoria o discurso constitui simultaneamente “três dimensões que se inter-relacionam: texto, interação (prática discursiva) e contexto (prática social)” (FAIRCLOUGH, 1992 apud GOMES, 2007, p. 16). Dessa forma, o discurso, como materialidade linguística, situa-se num espaço tridimensional e toma forma nas práticas sociais e discursivas. Diante desses objetivos, abordamos aqui o referencial de Bourdieu (1997), que dá contribuições acerca dos Jogos Olímpicos e suas imbricações com a TV, o que é bastante pertinente para este trabalho já que pretende-se estudar um evento que tem como molde tais jogos. Após a análise, concluímos que a citada emissora de TV lança discursos que foram a favor ou que agiram em prol de uma especificidade: o desejo de uma possível realização de uma edição dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro em 2016. Porém, para que a concretização desse “sonho”, é essencial um “ trampolim” que impulse algo, que leve algo, como num passe de mágica, de um lugar a outro, de uma condição à outra: esse trampolim representa a realização (com sucesso) dos Jogos Pan-americanos no Rio.

Palavras chave: Jogos Pan-americanos, discurso, Jogos Olímpicos, Rede Globo.

ABSTRACT

The choice of location for the Olympic Games of summer is made seven years before the event. But it is still earlier than those with an interest in hosting this event are applying and play a policy "game" around the "campaign". This article aims analyze and understand the configuration of the television discourse of Rede Globo in the opening ceremony of the Panamerican Games in Rio - 2007 regarding the idea of "Olympic level of organization". For this, we'll use the Critical Discourse Analysis. Within this theory, discourse is (at the same time) "three dimensions that are inter-related: text, interaction (discursive practice) and context (social practice)" (Fairclough, 1992 apud GOMES, 2007, p. 16). The discourse, language and materiality, is in a three-dimensional space and takes form in the social and discursive practices. From these goals, we approach here the theory of Bourdieu (1997), which gives contributions about the Olympics and their intercourses with the TV, which is quite relevant to this work since it is intended to explore an event that has the Olympic Games such as a moel. After examination, we find that the said TV station launches speeches that were for or that they acted in favor of a specificity: the desire for a possible implementation of an edition of the Olympic Games in Rio de Janeiro in 2016. However, for the realization of this "dream" is essentially a "springboard" to push something, to takes something, like a magic, from one place to another, from one condition to another: these springboard represents the implementation (with success) of Panamerican Games in Rio.

Key words: Panamerican Games, discourse, Olympic Games, Rede Globo.

INTRODUÇÃO

A escolha para o local de realização dos Jogos Olímpicos de Verão é feita sete anos antes da data do evento. Porém, é ainda mais cedo que os países com interesse em sediar tal acontecimento se candidatam e fazem um “jogo” político em torno da “campanha”. No caso de cidades situadas em países da América do Sul, essas nunca conseguiram “convencer” o Comitê Olímpico Internacional a serem sede dos Jogos. O Rio de Janeiro, porém, quer quebrar esse “tabu” em 2009, e ser eleita cidade sede dos

Jogos de 2016. Para tanto, a cidade organizou e realizou em 2007 os Jogos Pan-americanos, tendo como alvo um “patamar olímpico”.

Diante disso, percebemos que existem muitos discursos relacionados à essa ideia de patamar olímpico e que esses discursos são principalmente mediados pela TV. Desse modo, perguntamos: qual a configuração dos discursos televisivos relacionados aos Jogos Pan-americanos do Rio que demonstram os interesses em sediar uma edição dos Jogos Olímpicos? Como esses discursos tomam forma e como eles estão imbricados com a prática social de seus falantes? O presente artigo tem como objetivo central, então, analisar e compreender a configuração do discurso televisivo da Rede Globo de Televisão na cerimônia de abertura dos Jogos Pan-americanos do Rio – 2007 no que se refere à ideia de “nível olímpico de organização”. Para isso, utilizaremos a Análise Crítica do Discurso (que será discutida adiante).

Diante desses objetivos, abordamos aqui o referencial de Bourdieu (1997), que dá contribuições acerca dos Jogos Olímpicos e suas imbricações com a TV, o que é bastante pertinente para este trabalho já que pretende-se estudar um evento que tem como molde tais jogos.

Primeiramente, Bourdieu questiona o que sejam os Jogos Olímpicos. Ele mesmo responde:

O referencial aparente é a manifestação “real”, isto é, um espetáculo propriamente esportivo, confronto de atletas vindos de todo o universo que se realiza sob o signo de ideais universalistas, desfile por equipes nacionais, entrega de medalhas com bandeiras e hinos nacionais. O referencial oculto é o conjunto das representações desse espetáculo filmado e divulgado pelas televisões, seleções nacionais efetuadas no material em aparência nacionalmente indiferenciado (já que a competição é internacional) que é oferecido no estádio. Objeto duplamente oculto, já que ninguém o vê em sua totalidade e ninguém vê que ele não é visto, podendo cada telespectador ter a ilusão de ver o espetáculo olímpico em sua verdade. (BOURDIEU, 1997, p. 123, grifo do autor)

A representação televisiva, então, **transforma**, de acordo com Bourdieu (1997, p. 124), a competição esportiva entre atletas de todos os países em um confronto entre os campeões (no sentido de combatentes devidamente delegados) de diferentes nações. Isso ocorre pelo fato de que “cada televisão nacional dá tanto mais espaço a um atleta ou a uma prática esportiva quanto mais eles forem capazes de satisfazer o orgulho nacional ou nacionalista” (BOURDIEU, 1997, p. 123-4).

Essa transformação, a qual Bourdieu (1997, p. 124) chama de transmutação simbólica, é, segundo o autor, melhor compreendida se se analisar a construção social do espetáculo olímpico, tanto das competições quanto dos desfiles de abertura e encerramento, visualizando as encruzilhadas de *spots* publicitários que faz com que a produção de imagens televisivas torne-se um produto comercial e siga uma lógica de mercado, ou seja, essa produção deve ser concebida de maneira a atingir e prender o público (o qual deve ter grande amplitude) pelo maior tempo possível:

além de dever ser oferecida nos horários de grande audiência nos países economicamente dominantes, ela deve submeter-se à demanda do público, curvando-se às preferências dos diferentes públicos nacionais por este ou aquele esporte e mesmo às suas expectativas nacionais ou nacionalistas, por uma seleção ponderada dos esportes e das provas capazes de proporcionar sucessos a seus nacionais e satisfações a seu nacionalismo. (BOURDIEU, 1997, p. 124)

A partir dessa ideia, Bourdieu (1997, p. 124-5) diz que nas organizações esportivas, esportes diferentes têm pesos diferentes, dependendo de seu sucesso televisivo e dos lucros econômicos correlatos. Contudo, seria preciso adotar como objeto o conjunto do

campo de produção dos jogos Olímpicos como *espetáculo televisivo*, [...] isto é, o conjunto das relações objetivas entre os agentes e as instituições comprometidos na concorrência pela produção e comercialização das imagens e dos discursos sobre os jogos”. (BOURDIEU, 1997, p. 125, grifo do autor)

Esses agentes e instituições se consolidam em um comitê especial: o Comitê Olímpico Internacional, que é progressivamente, segundo Bourdieu, convertido em empresa comercial ocupada por dirigentes esportivos e representantes das grandes marcas industriais (Coca-Cola, Adidas etc.). Por fim, Bourdieu afirma que o campeão, o atleta, ou os atletas são apenas os sujeitos aparentes de um espetáculo que é produzido, de certo modo, duas vezes:

Uma primeira vez por todo um conjunto de agentes, atletas, treinadores, médicos, organizadores, juizes, cronometristas, encenadores de todo o cerimonial, que concorrem para o bom transcurso da competição esportiva no estádio; uma segunda vez por todos aqueles que produzem a reprodução em imagens e em discursos desse espetáculo, no mais das vezes sob a pressão da concorrência e de todo o sistema das pressões exercidas sobre eles pela rede de relações objetivas na qual estão inseridos. (BOURDIEU, 1997, p. 127)

Os Jogos Pan-americanos têm como base os próprios Jogos Olímpicos. A ideia de se realizar uma edição de jogos só para as Américas surgiu nos Jogos Olímpicos de 1932 em Los Angeles. Um grupo de representantes da América Latina se reuniu e sugeriu uma espécie de competição regional para as Américas (WIKIPÉDIA, 2008). Segundo a enciclopédia eletrônica Wikipédia:

A história segue até 1938 quando a região do Caribe começa a participar da competição. Após essa inclusão (e também dos Estados Unidos no ano de 1944), todos os outros países da América quiseram competir. Foi então que o ex-presidente argentino Roberto Marcelino Ortiz, fundou o Congresso Panamericano (sic) de Esportes (Pan American Sports Congress) em Buenos Aires, Argentina, em Agosto de 1940. Ficou convencionado que Buenos Aires seria onde realizariam o primeiro **Jogos Pan-americanos** em 1942. Isso acabou não acontecendo em decorrência da Segunda Guerra Mundial que durou de 1939 até 1945. Com o término da segunda grande guerra, e a volta ao período de paz, alinha-se com isso, um amplo crescimento econômico (em vários países da América) em razão das exportações crescentes para a Europa destruída pela guerra. Em virtude de tudo isso que durante o período compreendido entre 8 e 15 de Agosto de 1948, em Londres, Inglaterra, aconteceu o Segundo Congresso Pan-americanos (sic) (II Pan American Congress). O Congresso delibera novamente sobre a ata inicial dos jogos e decidem que em 25 de Fevereiro de 1951 a cidade de Buenos Aires iria sediar os primeiros **Jogos Pan-americanos**. (2008, grifos do autor)

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Para Gil (2002, p. 41) toda e qualquer classificação se faz mediante algum critério, e as pesquisas podem ser classificadas com base em seus objetivos gerais. Em relação aos objetivos gerais existem três grandes grupos: as pesquisas exploratórias, as pesquisas descritivas e as pesquisas explicativas.

As pesquisas exploratórias “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. [...] estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições.” (GIL, 2002, p.41). As pesquisas descritivas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno.” (GIL, 2002, p. 42). Já as pesquisas explicativas “têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos” (GIL, 2002, p. 42). Este é o tipo de pesquisa, segundo Gil, que mais aprofunda o conhecimento da realidade, pois explica a razão, o porquê das coisas. É também o tipo mais complexo e delicado, pois o risco de se cometer erros é maior.

A presente pesquisa, por sua vez, se enquadra tanto no grupo das pesquisas descritivas quanto no das pesquisas exploratórias, pois objetiva descrever as características do discurso televisivo e explorar esse objeto de estudo, aumentando a familiaridade com o problema e aprimorando as ideias acerca do mesmo.

Para isso, foram utilizadas como técnicas para este estudo a documentação indireta (através de pesquisa documental, a pesquisa bibliográfica) e a Análise Crítica do Discurso.

A pesquisa documental se caracteriza por ter fontes de coleta de dados restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Como exemplos dessas fontes têm-se: vídeos, gravações em fitas, filmes, documentos de arquivos públicos etc. (MARCONI e LAKATOS, 2007, p. 62-3). No caso desta pesquisa, gravou-se em DVD's a programação televisiva da Rede Globo relativa à cerimônia de abertura dos Jogos Pan-americanos do Rio – 2007.

Por sua vez, a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros etc.” (MARCONI e LAKATOS, 2007, p. 71). Esta investigação também trata destas fontes.

Uma terceira técnica da qual este trabalho se apropriou em determinado momento da análise foi a Análise do Discurso de linha anglo-saxônica (Análise Crítica do Discurso). A Análise Crítica do Discurso surge no final dos anos 80 e início dos anos 90 do século XX. Para Pedrosa (2005) ela é construída devido à identificação crítica de limites em outras teorias em Análise do Discurso. Ainda para Pedrosa (2005),

um marco para o estabelecimento dessa nova corrente na Linguística foi a publicação da revista de Van Dijk, “*Discourse and Society*”, em 1990. Entretanto, é importante acrescentar publicações anteriores, como o livro: “*Language and power*”, de Norman Fairclough.

Dentro dessa teoria o discurso constitui simultaneamente “três dimensões que se inter-relacionam: texto, interação (prática discursiva) e contexto (prática social)” (FAIRCLOUGH, 1992 apud GOMES, 2007, p. 16). Chama-se esta constituição de quadro tridimensional de Fairclough. Dessa forma, o discurso, como materialidade linguística, situa-se num espaço tridimensional e toma forma nas práticas sociais e discursivas. O dispositivo de análise é construído em função de três dimensões múltiplas que se inter-relacionam:

A análise textual: Essa primeira dimensão é baseada na “tradição de análise textual e linguística. É a dimensão que cuida da análise linguística. A análise textual deve ser feita conjuntamente com as outras dimensões.” (PEDROSA, 2005). Nessa fase da análise, que é baseada na Linguística Sistêmica e Funcional, há considerações sobre três elementos: o “significado acional e gênero” de um texto (que leva em consideração os momentos e os lugares das práticas sociais linguísticas); o “significado representacional e discurso” (que considera o discurso como modo de representação de aspectos do mundo); e o “significado identificacional e estilo” (que cuida do aspecto discursivo de identidades, ou seja, relaciona-se à identificação de atores sociais em textos) (RESENDE e RAMALHO, 2006, p. 61-89).

A análise discursiva: A prática discursiva (produção, distribuição e consumo) está baseada na

tradição interpretativa ou microsociológica de levar em conta a prática social como algo que as pessoas, ativamente, produzem e apreendem com embasamento em procedimentos compartilhados consensualmente. Trata-se, portanto, de uma análise chamada de “interpretativa”, pois é uma dimensão que trabalha com a natureza da produção e interpretação textual. (PEDROSA, 2005)

A análise social: Para Fairclough (2001, p. 289 apud PEDROSA, 2005), o objetivo central dessa fase é especificar

a natureza da prática social da qual a prática discursiva é uma parte, constituindo a base para explicar por que a prática discursiva é como é; e os efeitos da prática discursiva sobre a prática social, porque “a prática social (política, ideológica etc) é uma dimensão do evento comunicativo, da mesma forma que o texto” [...]. Essa é uma análise de tradição macrosociológica e com características interpretativas. É uma dimensão que verifica as questões de interesse na análise social, ou seja, analisa as circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e de que maneira elas moldam a natureza da prática discursiva.

O “TRAMPOLIM” NO DISCURSO DA REDE GLOBO DE TELEVISÃO

Os Jogos do Rio de Janeiro foram a décima quinta edição dos Jogos Pan-americanos. O Brasil já foi o país sede uma vez, antes de 2007, quando o evento ocorreu em São Paulo no ano de 1963, aonde vieram mil seiscientos e sessenta e cinco atletas de vinte e dois países. Nessa época, a TV ainda estava na sua primeira fase, ou seja, ela ainda estava começando a demonstrar alguns avanços (pois os Jogos ocorreram no início da década de 1960), o número de emissoras começava a aumentar, mas a futura dominante do mercado (TV Globo) ainda não tinha sido aberta. Certamente os Jogos de São Paulo não tiveram uma abordagem televisiva como os do Rio 2007, proporcionalmente falando.

No caso dos Jogos do Rio 2007, a TV aberta brasileira transmitiu seus acontecimentos através de duas redes de grande porte: a Rede Globo de Televisão e a Rede Bandeirantes de Televisão. Para o

presente trabalho, coletaram-se dados a respeito de ambas as redes, porém, a análise se baseou em dados da Rede Globo de Televisão, pois esta é a líder do mercado televisivo no Brasil e, conseqüentemente, é a que está mais presente na prática social e discursiva do brasileiro, ficando, assim, em uma posição de “grande excitadora” da sociedade brasileira. Obviamente poder-se-ia analisar também a Rede Bandeirantes de Televisão, pois esta se diz “O canal do esporte”. Todavia, a escolha teve que se restringir a uma emissora, visto os objetivos do trabalho e suas condições de produção, e acabou-se escolhendo a Rede Globo pela pertinência já citada.

O contexto de criação da Rede Globo de Televisão, segundo o documentário britânico “Brazil: Beyond Citizen Kane” de 1993 (em português: Brasil: Muito Além do Cidadão Kane), é de uma sociedade fragilizada, porém, controlada, pois acabou de passar pelo Golpe Militar de 1964. Em 1965 (mesmo ano da primeira transmissão da Rede Globo) o Estado ditatorial cria o Serviço Nacional de Informação que, segundo o documentário britânico, auxilia no caráter autoritário do governo. Ainda em 1965 é extinta a democracia multipartidária. Neste âmbito nasce a TV Globo de Roberto Marinho, que teve em seu investimento inicial um suporte do grupo norte-americano *Time Life*, empresa especializada em marketing direto. No início, a Rede Globo teve dificuldades administrativas, mas, poucos meses após sua estréia houve uma “virada”, pois ela deixou de ser dirigida por pessoas do meio artístico e passou “para as mãos de homens de marketing, sendo o principal deles Walter Clark, que passou a pensar a televisão nos termos da indústria da propaganda.” (A TV..., 1996). Atualmente a Rede Globo tem como “ponto forte” de sua programação as novelas de horários nobres, notícias ditas “neutras” e programação esportiva (principalmente o futebol, e, dentro deste, o “Campeonato Brasileiro – Série A” que ocorre de maio a dezembro). É também a maior rede de TV do Brasil com mais de 120 “exibidoras” (CENTRAL GLOBO DE MARKETING, 2008).

Bem antes da data dos Jogos Pan-americanos do Rio, a Rede Globo já fazia propaganda sobre eles. Aliás, desde a confirmação do Rio como sede dos Jogos, em 2002, a mídia, de maneira em geral, já anunciava esses Jogos. Porém, foram três meses antes do início dos Jogos que a agitação midiática veio à tona. No último mês (junho), então, muito se falou sobre o evento. Programas de diversos gêneros, mesmo não tendo relação com o esporte, tiveram como tema os Jogos Pan-americanos do Rio. Como exemplo, podemos citar os programas humorísticos “Zorra Total” e “Casseta & Planeta”. O brasileiro, então, estava com grande expectativa para o início dos Jogos, principalmente para a cerimônia de abertura, que, de certa forma, foi a “festa” do PAN.

Para a transmissão da cerimônia de abertura, a Rede Globo coloca seu principal locutor esportivo, Galvão Bueno (GB), acompanhado de repórteres de renome na conjuntura atual da comunicação brasileira: Marcos Uchôa (MU), João Pedro Paes Leme e Fátima Bernardes (FB) (que também é apresentadora do Jornal Nacional).

Começando a análise (no que diz respeito ao nível olímpico do PAN) percebemos que a comentarista Fátima Bernardes, em uma de suas falas, reforça, mesmo que sutilmente, a ideia de uma possível realização dos Jogos Olímpicos no Brasil (já que esse PAN do Rio estaria, segundo ela, tão bem estruturado, organizado e belo):

FB: [...] o nível da abertura... da cerimônia de abertura é um nível olímpico. E eu não esperava nada diferente não. Porque um país que consegue produzir um desfile de escola de samba como a gente faz, tem *know-how*, tecnologia, conhecimento, capacidade pra fazer uma festa inesquecível pra quem tá aqui e pra todos que estão em casa, com certeza.

A argumentação que a repórter usa para se posicionar favorável a uma futura realização de Jogos Olímpicos no Brasil é exatamente em torno do “nível” da cerimônia de abertura do PAN do Rio. Isso mostra um caráter de excitação em seu discurso. Porém, nota-se que ela não relata sobre qual base se estabelece esse “nível”, ou seja, ela não diz quais critérios ela usou para interpretar o “nível” dos Jogos do Brasil como um “nível olímpico”. Essa linguagem não deixa claro sob quais circunstâncias o “nível” é olímpico. Outra situação interessante é seu argumento sobre a organização da abertura do PAN ser baseada na organização do carnaval carioca, pois o cidadão do Rio de Janeiro (e, graças à Rede Globo, de todo o Brasil) está acostumado a assistir este evento e se identifica com ele durante os Jogos do Rio.

Um diálogo interessante entre Galvão Bueno e um repórter de sua equipe (Marcos Uchôa) ocorre no seguinte enunciado:

GB: O que que cê espera? Será que esse Pan-americano, ele, ele pode surpreender a todos pela grandeza, não só da cerimônia de abertura, mas também do esporte, das provas e dos jogos?

MU: É. Eu acho que, sem dúvida, o que a gente espera é que o Pan-americano seja um trampolim pra uma Olimpíada em 2016, o que todo mundo gostaria e... e é um privilégio e um prazer e um orgulho a gente vê um evento, a gente vê tantos eventos fora do Brasil, e de ver agora um evento como esse aqui no Brasil realmente é uma maravilha pra todo mundo. Claro, esperamos a Copa do Mundo 2014, lógico, vamos ser mais ambiciosos, vamos pensar também nas Olimpíadas de 2016...

Na resposta de Marcos Uchôa, nota-se uma fala carregada de sentido ideológico político, pois a realização de um grande evento esportivo, como é o caso dos Jogos Pan-americanos, traz certo prestígio político internacional a um país. A “emoção” do PAN, então, não seria para ser aproveitada apenas agora, pois os Jogos no Brasil podem trazer uma consequência ainda mais grandiosa: a realização de Jogos Olímpicos no Brasil. Porém, essa consequência dependerá da competência da organização desses Jogos Pan-americanos. Do contrário, o prestígio sobre o Brasil, não só político, mas também esportivo, ficaria prejudicado.

Segundo Fairclough (1997, 2001a apud RESENDE e RAMALHO, 2006, p. 43), na hegemonia de poder, as relações de dominação são mais bem sucedidas quando baseadas em consenso, e não na força. Nota-se, então, que a fala de Marcos Uchôa traz consigo uma ideologia hegemônica de caráter implícito: o comentarista tem em sua fala uma perspectiva convincente sobre uma futura excitação que traria muita alegria ao povo brasileiro: a realização de um evento de porte mundial. Nesse sentido, a “alegria” do povo pode significar uma reprodução de dominação, pois este ficaria “distraído” e desatento às relações de poder em nossa sociedade moderna subdesenvolvida.

Na entrada da delegação brasileira, o público não conteve o grito e teve um momento de excitação prazerosa:

GB: E aí vem o Brasil!

FB: Maracanã de pé. Ninguém mais agora quer ficar aí sentado.

GB: Agora, é como se fosse um grande jogo de futebol e um gol da seleção brasileira (imagem dos atletas de Brasil entrando e som do público vibrando como se fosse realmente um “gol”).

MU: O Van... o Vanderlei parece mais um passista de frevo! (Câmera mostra o Vanderlei Cordeiro de Lima pulando, dançando e vibrando com a bandeira à frente da delegação brasileira).

GB: Olha ele aí! Como diria... já que o ritmo é de escola de samba, como diria o Neginho da Beija-Flor: “Olha o Vanderlei aí, gente!”. (Câmera mostra o presidente Lula com um semblante sério). Tá Sério o presidente. A alegria do Vanderlei.

FB: Vem pulando que nem pipoca, né?

GB: E a alegria do brasileiro presente aqui ao Maracanã (câmera mostra imagem de espectadores no Maracanã pulando e dançando ao ritmo do samba). Já imaginaram se tivermos a confirmação, e parece que já... é noventa e nove por cento da Copa do Mundo em 2014... e se pintar uma Olimpíada em 2016?

Outra referência interessante é feita por Galvão Bueno sobre a possibilidade de Copa do Mundo no Brasil em 2014 e Jogos Olímpicos em 2016. Ele diz, então, que se nos Jogos Pan-americanos está assim (tão emocionante), imagine em um desses eventos? Essa referência remete o telespectador a um sentimento de “glória” nacionalista, isto é, faz o telespectador pensar-se como parte desta nação acolhedora do esporte.

O desfile dos atletas, então, termina e se inicia uma série de apresentações artísticas relacionadas ao folclore e à cultura brasileiros. O locutor e os comentaristas da Globo narram essas apresentações e também “explicam” seu enredo. As performances artísticas são divididas em três temáticas: “A energia do sol”; “A energia das águas”; e “A energia do homem”. Na primeira temática, observa-se que o locutor e os comentaristas falam emotivamente sobre a “exuberância” da fauna e da flora brasileira, sempre fazendo referência ao “nível” do espetáculo no Brasil:

GB: E agora vamos na sequência da festa de abertura. Esta parte é dedicada à energia do sol, aos pântanos, aos campos, à vida animal, vegetal... (A atriz Nathália Timberg recita poema de Arnaldo Antunes). A grande atriz, Nathália Timberg, uma das damas do teatro e da dramaturgia brasileira falando sobre a vida, a força da vida e o tema desses Jogos Pan-americanos: a energia. Vamos, então, a esta parte da festa.

(...)

FB: A partir de agora, nós vamos ver de que forma a Rosa Magalhães vai pretender mostrar o Brasil e o Rio de Janeiro, onde são sediados os Jogos, nós vemos aí um jacaré de trinta metros, preparado pelo pessoal de Parintins.

(...)

FB: Acima de tudo o que a gente pode ver nessa primeira parte, que ela pretendeu mostrar, é toda a exuberância mesmo, a vitalidade da nossa vegetação, da nossa fauna, essa era... esse era a... o primeiro impacto que ela queria passar.

O “mostrar o Brasil”, a que se referiu Fátima Bernardes, tem uma demarcação muito forte de sentido político. Não é apenas mostrar o Brasil para os estrangeiros que vieram participar dos e assistir aos Jogos, mas é mostrar para o Comitê Olímpico Internacional e para outras entidades esportivas que o Brasil tem condições de realizar uma edição de Jogos Olímpicos. Essa intenção já foi citada aqui e é realmente importante percebê-la. Muitas vezes (anteriormente) o discurso da Globo já tendeu a essa ideia e tenderia ainda mais com o decorrer da cerimônia de abertura e com o decorrer dos próprios Jogos, culminando em sua cerimônia de encerramento, onde o presidente da ODEPA, Mario Rañas, pronunciou em público que os Jogos do Rio foram os “melhores Jogos Pan-americanos da história” e que o Brasil tem condições de sediar uma edição de Jogos Olímpicos (fala apoiada pelos locutores da Globo neste evento). Essa ideia é perceptível também no discurso de Carlos Artur Nuzman durante a solenidade de abertura dos Jogos.

Ao passarem várias imagens do espetáculo artístico, Galvão Bueno faz um comentário bastante interessante para Fátima Bernardes e para o telespectador:

GB: [...] vou dizer uma coisa, eu já vi homem voar no céu... na abertura dos Jogos de Los Angeles, já vi barcos navegando no Mar Mediterrâneo em Barcelona, eu já vi o encontro dos extremos na Coreia, mas, Fátima, não saio daqui hoje com... com vergonha de nada não, tá muito bonito.

FB: Tá lindo. Eu acho que tá parecido com a gente, isso é que é mais importante.

O “orgulho” é uma marca subjetiva da emoção no discurso do locutor. Mais uma vez retoma-se a ideia de organização e competência dos Jogos do Rio, deixando implícito, agora, a ideia de ser um espetáculo de “nível” olímpico.

Posteriormente, Galvão Bueno repete uma de suas falas e “reafirma” (de forma implícita) que, ante a tantos Jogos nos quais ele estava presente, estes Jogos do Rio não o deixaram com vergonha:

GB: Uchôa, nós fizemos tantas Olimpíadas juntos, cerimônias de a... Olimpíadas juntos, eu brincava, disse que vi o homem voar lá no Coliseu, em Los Angeles. Vi... os barcos navegarem no Mediterrâneo, em Barcelona, por exemplo, o encontro dos extremos, Ing e Yang, muito bonito, na Coreia, em oitenta e oito, tantas cerimônias, eu fico muito feliz de ver a beleza, a cara, como disse a Fátima, a nossa cara, a alegria, muito bonita, um som excepcional, a riqueza que só uma Rosa Magalhães poderia vestir realmente, a capacidade que o Brasil tem de fazer um desfile de escola de samba como faz, uma festa lá de Parintins como faz, juntando isso, mais o amor que o brasileiro tem, teria que ser uma festa belíssima como essa, uma festa de nível olímpico. Extrapolou tudo que já foi feito em algum Pan-americano.

Ao citar todas essas festas de aberturas em diferentes Jogos, o locutor cria um clima de confiabilidade com o telespectador: está implícita a ideia de que esses países citados são de primeiro mundo, ou são países “lá de fora”, longe (não só espacialmente, mas, também em desenvolvimento). Assim, o Brasil, mesmo sendo um país subdesenvolvido, mostra que pode ser competente na realização de um evento como esse. Quando o locutor fala das qualidades que ele viu na cerimônia, o faz de maneira emotiva e identifica o “povo brasileiro” com a festa, isto é, dá características dos brasileiros à festa, dizendo que ela tem “a nossa cara”, tem “alegria”. Outro momento interessante é quando Galvão Bueno fala sobre um sentimento do brasileiro de modo geral: “o amor”. Ele se refere a essa dimensão “sentimental” para argumentar que a festa da cerimônia de abertura do Rio “extrapolou tudo que já foi feito em um Pan-americano”, ou seja, segundo o narrador, o nível do espetáculo está alto, indicando que outras edições dos Jogos Pan-americanos não obtiveram nível tão alto.

CONCLUSÃO

As falas aqui analisadas formam os discursos constitutivos da Rede Globo (durante a cerimônia de abertura dos Jogos Pan-americanos Rio – 2007) que estão relacionados à uma possível organização de um evento maior no futuro (os Jogos Olímpicos).

Após a análise, concluímos que a citada emissora de TV lança discursos que foram a favor ou que agiram em prol de uma especificidade: o desejo de uma possível realização de uma edição dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro em 2016. Porém, para que a concretização desse “sonho”, é essencial um “trampolim” que impulse algo, que leve algo, como num passe de mágica, de um lugar a outro, de uma condição à outra: esse trampolim representa a realização (com sucesso) dos Jogos Pan-americanos no Rio.

Esse desejo de realizar os Jogos Olímpicos está configurado em uma rede linguística complexa onde os processos de interação entre os locutores e os espectadores se dão principalmente através de “provas” concretas e visíveis (as imagens do espetáculo que estão sendo televisionadas) testemunhadas pelos profissionais da Rede Globo e transmitidas para todo o país com o *status* de confiável, sendo que muitos fatores (não-relacionados ao conteúdo emocional do espetáculo) não são passados para o público, como, por exemplo, exigências que o Comitê Olímpico Brasileiro faz em relação à estrutura da cidade candidata.

Conclui-se também que um dos aspectos discursivos ao qual esse “desejo” está relacionado é seu uso enquanto prática social dos falantes da Rede Globo.

Explicita-se, aqui, que, obviamente, a análise feita não deu conta de todos os aspectos pertinentes ao estudo e nem esgotou o assunto (até porque não foi apenas nesta transmissão que se veicularam momentos de “desejo intenso” de realização dos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro), sendo que se carece, ainda, de outras análises sociológicas em outros momentos, sob outros métodos e, especialmente, sob outros olhares do processo de comunicação, não apenas da Rede Globo de Televisão, mas também de outras redes de TV, abertas e fechadas, considerando seus contextos de produção e suas práticas sociais.

REFERÊNCIAS

- A TV no Brasil: uma história de sucesso. **Revista TVA**, São Paulo, v. 6, n. 61, set. 1996. Suplemento.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**; seguido de “A influência do jornalismo” e “Os Jogos Olímpicos”. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 143 p.
- BRAZIL: Beyond Citizen Kane. Produção de Simon Hartog. Londres: Channel Four, 1993. 1 DVD.
- CENTRAL GLOBO DE MARKETING. **Atlas de cobertura**. Rio de Janeiro: Direção Geral de Comercialização, 2008. Disponível em: <<http://comercial.redeglobo.com.br/atlas2004/>>. Acesso em: 20 maio 2008. Não paginado.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.
- GOMES, M. C. A. Considerações sobre os estudos discursivos críticos: o projeto social discursivo de Norman Fairclough. In: _____; MELO, M. S. de S.; CATALDI, C. **Gênero discursivo, mídia e identidade**. Viçosa: Ed. da UFV, 2007. p. 13-31.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 6. ed. rev. amp. São Paulo: Atlas, 2007. 289 p.
- PEDROSA, C. E. F. Análise Crítica do Discurso: uma proposta para a análise crítica da linguagem. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. 9, n.º. 03 - Primeiros Trabalhos - Tomo II. Jul. 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm>>. Acesso em: 11 mar. 2008. Não paginado.
- RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006. 158 p.
- WIKIPÉDIA. **Jogos Pan-americanos**. [S.l.]: Wikimedia Foundation, 2008. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jogos_Pan-americanos>. Acesso em: 19 maio 2008. Não Paginado.